

GRUPO EDUCACIONAL FAVENI

LUIS EDUARDO DE MENEZES SILVA

**VISÃO BAUMEIRIANA SOBRE A FLUIDEZ NA
CONTEMPORANEIDADE**

VITÓRIA DO MEARIM-MA

2019

GRUPO EDUCACIONAL FAVENI

LUIS EDUARDO DE MENEZES SILVA

**VISÃO BAUMEIRIANA SOBRE A FLUIDEZ NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título
especialista em Filosofia e Sociologia.
Orientadora: Ana Paula Rodrigues.

VITÓRIA DO MEARIM-MA

2019

VISÃO BAUMEIRIANA SOBRE A FLUIDEZ NA CONTEMPORANEIDADE

RESUMO: No mundo moderno, o medo se tornou um dos sentimentos mais fortes e comuns entre os sujeitos, e é visto como um estado costumeiro independente da classe social das pessoas e do tamanho da cidade. Assim, esse trabalho traz como proposta analisar as influências da modernidade sobre a condição humana, na concepção de Zygmunt Bauman fazendo uma reflexão acerca da visão baumeiriana. Salienta ainda que a Modernidade está envolvida com a ideia de deformação das estruturas que outrora era chamada de tradição, ou seja, tudo que era sólido se dissolveu e tornou-se frágil, sem forma, sem estrutura.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade. Medo. Sujeito.

1- INTRODUÇÃO

Este artigo científico em Filosofia e sociologia foi desenvolvido para a Faculdade de pesquisa com o tema “visão baumeiriana sobre a fluidez na contemporaneidade, abordando o pensamento de Zygmunt Bauman para demonstrar como o seu pensamento nos ajuda a refletir sobre a atualidade e como ela vem se dissolvendo.

Em tempos líquidos aonde nada é durável, nada é palpável. Pouco se fala na valorização da pessoa humana enquanto sujeito, mas, se fala da condição de status do homem. Desta forma, a identidade do homem passa a ser refém do seu próprio egoísmo, vivendo uma vida líquida, composta de sentimentos que corrompem a segurança do ego, entrando assim no sentido de desconfiança e medo.

O medo é seguramente o mais sinistro dos muitos demônios que se aninham nas sociedades abertas da época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro criam e alimentam o mais aterrador e menos suportável de nossos medos. (BAUMAN, 2008, p. 167)

O medo impede a relação com o outro; o sentimento de ameaça é latente a todo instante; vive-se uma era de temores e incertezas, as esperanças desaparecem quando o assunto é ameaça. Portanto as pessoas andam assustadas e ao mesmo tempo amedrontadas pelas vastas ondas de informações que chegam até elas. De certo modo parece que vemos só escuridão na nossa vida de maneira que o outro é a minha escuridão, a minha própria incerteza. [...] na escuridão, tudo pode acontecer, mas não há como dizer o que virá. A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza – e, portanto o medo [...] (BAUMAN, 2008, p. 08). O medo líquido tornou-se um dos motivos que afastaram o homem de outros homens. Confiar nas outras pessoas tornou-se uma tarefa extremamente difícil, porque a todo o momento testamos e somos testados, precisamos nos certificar da fidelidade alheia. Temos medo de ser esquecidos, abandonados, excluídos, trocados, traídos; o medo nos limite, nos poda, nos castra.

Hoje a modernidade está vivendo tempos difíceis, passando por crises de valores existenciais e morais; a humanidade está sendo envenenada por dose de ansiedade, colocando em risco o desejo desenfreado que atinge diretamente a identidade do indivíduo. Por isso, a proposta desta pesquisa é investigar o que está acontecendo com o homem, quais aspectos e valores que estão afetando a sociedade.

2- MATERIAL E MÉTODOS

Esse trabalho tem como finalidade a elaboração da pesquisa com o tema “Visão Baumeiriana Sobre a Fluidez na Contemporaneidade”. Tendo em sua construção um cunho teórico-bibliográfico e hermenêutico relacionados à problemática abordada, para que seja aproveitado ao máximo o pensamento filosófico que será estudado.

A metodologia a ser empregada na realização desta pesquisa consiste em vários aspectos a serem abordados como: a pesquisa teórica sobre o tema, sua forma, sua aplicação e sua eficácia na atualidade. Para tanto, procura-se assim, trazer seus resultados o mais perto possível da referência norteadora do tema. A pesquisa dependerá de artigos, documentários oficiais e trabalho científicos como teses e dissertações.

Portanto, o artigo será realizada nesse processo de métodos para compreender melhor a condição deste homem que está inserido nesta sociedade.

3- DESENVOLVIMENTO

No sentido histórico da palavra *moderno*, ela é empregada habitualmente na história ocidental que começa depois do Renascimento a partir do século XVII (ABBGNANO, p. 791). Mas, o primeiro a empregar esse termo foi a escolástica a partir do século XIII, que no latim pós-clássico significa “atual” (de modo = agora). E assim iniciaria um novo jeito de pensar, mas nunca fora dos princípios da religião. É importante destacar, que nesse período a hegemonia da igreja católica estava em declínio dando vazão à liberdade de pensamento. Entretanto, tudo encaminhava sem que eles preocupassem com o futuro, e o primeiro momento em que o homem teve a oportunidade de agir livremente com autonomia, teve a sua primeira rescisão com o pensamento escolástico, desviando do método de pensamento crítico dos preceitos da Igreja Católica, formulando o novo jeito de pensar, criando estabelecimentos da razão como forma autônoma de construção do conhecimento, desligado de preceitos teológicos, foram alguns dos primeiros passos em direção à construção do pensamento moderno.

Neste sentido, a ideia de atual, ou melhor, novo, foi chamando atenção justamente por causa das novidades que iriam surgindo, inclusive com autonomia da arte e da técnica, isto, graças as ideias revolucionárias de um novo período histórico chamado

de Iluminismo que fora um grande esforço intelectual dos pensadores daquela época, que, a partir da libertação da menoridade, onde o homem era mantido sobre repressão tomando o espaço do indivíduo, surge então como uma proposta de emancipação, a modernidade, e assim se deu um salto importantíssimo para a emancipação do homem que entrou em foco no século XVIII. Como vai retratar Harvey:

[...] chama de projeto da modernidade que entrou em foco século XVIII. Esse projeto que equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluminista “para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas”. (HARVEY, 2001. p. 21).

Consequentemente ousaria dizer que não existe um tempo e nem um dia exato da iniciação da modernidade, pois ela surgiu espontaneamente sem nenhuma conferência internacional para declarar o grande momento, e muito menos uma convocação para as novas mudanças. Mas tudo indica que esse projeto vem de um processo que foi se formando ao longo dos séculos com idealização do novo. A ideia de novo o termo (moderno), chama atenção quando a ideia de avançado traz consigo uma nova perspectiva de vida diferente, um modelo autônomo, sem dependência.

O termo moderno, ou melhor, “a modernidade”, costuma ser associado a alguns termos-chaves como razão, ciência, técnica, progresso, emancipação, sujeito, historicismo, metafísica, niilismo, secularização (verbetes relativos). Termo que, para aqueles que situam na modernidade, assumindo seu ponto de vista, têm um significado positivo, enquanto para aqueles que colocaram fora dela, rejeitando seu ponto de vista, têm um valor negativo. (ABBAGNANO, 2014, p. 791).

A modernidade passou a apresentar isso superficialmente, incentivando a sociedade a dar passos sólidos que garantem os direitos dos indivíduos. O conceito de modernidade é compreendido como uma ideia de rompimento com a tradição, ao expor algo, o novo, e diferente da qual a tradição apresentou. Praticamente podemos afirmar que a modernidade é a ruptura com o antigo. Neste sentido a modernidade, desenvolveu-se como uma proposta de emancipação humana, as garantias dos direitos, o reconhecimento da liberdade individual a questão, do subjetivismo, visando um projeto sólido. A humanidade de tal forma deixou de lado a tradição, sua fé, sua crença, para viver de uma vez em si a racionalidade. Esta foi o primeiro anúncio de que Deus estava morto. Não precisava mais acreditar em algo sobrenatural na qual não temos contatos, dessa forma a racionalidade tomou o lugar de Deus colocando em declínio tudo aquilo que a tradição anunciava.

A ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada. Não basta que estejam presentes as aplicações tecnológicas da ciência para que fale de sociedades modernas. É preciso, além disso, que a atividade intelectual seja protegida das propagandas políticas ou crenças religiosas, que impersonalidade das leis proteja contra o nepotismo, o clientelismo e a corrupção que as administrações públicas e privadas não sejam instrumentos de um poder pessoal, que vida pública e vida privada sejam separadas, assim como devem ser as fortunas privadas do orçamento do Estado ou das empresas. (TOURAINÉ, 1994, p. 18).

Agora não precisa buscar explicações metafísicas para entender os fenômenos, a ciência tomou o espaço total da religião para explicar os fenômenos. Deus passou a não ser mais o princípio do juízo moral, mas, sim a filosofia política racional. Falar sobre Deus de imediato passou a ser um assunto do passado, não interessa mais ficar dando conceitos sobre Deus onde o homem passou a ser senhor de si e dos negócios. A nova sociedade é a sociedade da razão e do avanço; olhando por esse lado ela não era mais obrigada a seguir determinadas ideologias. É neste sentido que a nova sociedade se comporta nessa nova e esperançosa era. Tudo girava em torno do homem. O homem agora é capaz de demonstrar e usar a sua liberdade de forma livre sem que alguém oprimira e obriga ele fazer o que não quer.

Dessa forma, o período iria se solidificando através das formas de pensar. Trazendo consigo um novo modelo de ruptura com o antigo e mergulhando no mundo desconhecido sem uma certeza da própria certeza. Nesta perspectiva não há uma modalidade de experiência que valida essa nova forma de pensar e de viver, de fato, o ser moderno promete poder, crescimento, transformações, aventura e alegria. Mas também ao mesmo tempo ameaça destruir tudo aquilo que possuímos, tudo o que conhecemos.

Parece meio paradoxal, mas parece que ser moderno é está dividido em duas partes, a tradição e ao mesmo tempo tentar viver o novo. Essa situação em que coloca o homem no centro põe-se o indivíduo a interpretar que ele é a própria esfera do universo podendo assim dominar tudo aquilo que está em seu alcance. Neste sentido, a liberdade do espírito que traz o homem moderno é identificado pelo desejo radical da auto-libertação de todas as formas de alienação às quais o homem vinha sendo submetido. Neste caso, a modernidade será marcada pelas grandes revoluções e utopias, principalmente nas questões de trabalhos, questões morais, econômica e familiar.

A modernidade aponta para o processo de racionalização para a vida atual, dessa maneira permitiu que a humanidade desse um salto bem largo rumo ao progresso e ao desenvolvimento da autodependência. E juntamente com a burguesia e a indústria o

projeto da modernidade tem um apoio que condiciona a sua estrutura e leva ela a expandir-se formando identidades nacionais, aumento da produtividade e do trabalho. Como afirma Harbermas ainda no conceito de modernização:

O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos acumulativos e de esforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e a formação de identidades nacionais; a expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização dos valores e normas. (HARBERMAS, 2002, p. 5).

O processo de modernização foi abarcando tudo que é tipo de sistema humano e os tornando autônomos, condicionando eles a se aliar aos estados e formando a uma só corporação ajudando a burguesia a elevar-se em níveis altos de sistemas e comandos. O moderno de forma alguma tenta copiar outras formas de vidas, e muito menos seguir outros parâmetros de modelo de existência. Dito isto, a modernidade ver-se inclinada em si mesma, no seu ego. Neste cenário, a modernidade se mostra como uma época em que a sociedade se alargou no progresso material e cultural significando mudanças profundas induzidas pela lógica do capital na qual os riscos coloca em jogo o próprio destino do planeta. Risco esse que é usada em nome da “técnica”, “progresso” e do “desenvolvimento”. Tudo isso o homem usa como fins para salientar as desenfreadas formas de produção e consumo.

É importante ter em mente, portanto, que o modernismo surgido antes da primeira Guerra Mundial era mais uma reação às novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (a ascensão da massa, da publicidade, da moda da massas) do que o pioneiro na produção dessas mudanças. (HARVEY, 2001, p. 32).

Na concepção de Karl Marx nos diz que a modernidade “[...] todas as relações sociais tornam-se obsoletas antes mesmo que se ossifiquem, isto é, tudo que é sólido se desmancha no ar [...]” (MARX apud BERMAN, 1982, p. 20). Neste sentido, os tempos modernos nos aponta uma série de utopias que nos motivam a viver em certa autonomia e liberdade, porém a modernidade não tem nenhum cunho de base existencial na tradição que a motiva aprofundar seus interesses. Parece que a todo o momento está em constante mudanças e com isso a sociedade também muda e pensa como ela. Sua base sólida a

qualquer momento pode desmanchar no ar, justamente por causa dessas mudanças repetidas desenfreadas que coloca o homem em submissão perpétua.

Consequentemente a modernidade está ligada a burguesia desde o momento em que o homem procurando uma forma de ser livre encontrou empresários que os mandasse e usa-se de forma exploratória. Tudo isso iniciou a partir o processo de mecanização onde o homem tornou prisioneiro dos seus senhores; aquilo que era autonomia tornou-se heteronomia, e o que era uma ideia de liberdade se tornou uma prisão. Agora o homem encontra-se em meio a uma situação que ele mesmo não consegue enxergar. Tudo parece fugir de si, não encontrando certeza para sua existência, a vida tornou-se fragmentada sem saber para onde ir.

Se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas consequências. Para começar, a modernidade não pode respeitar sequer o seu próprio passado, para não falar de qualquer ordem pré-moderna [...] a transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica [...] a modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como caracteriza por um onteminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes. (HARVEY, 2001, p. 22).

Em determinado tempo da história, foram-se abrindo novas oportunidades de mudanças e valorização do sujeito, mas com ela também veio profundas consequências que atingiram os valores necessários da vida. A ruptura não só aconteceria com a tradição, mas com todo tipo de pensamento e costumes que o povo adquiriu. O passado tornou-se esquecido e com ele também ficaram todas as esperanças e certezas, isto é perceptível na modernidade quando se [...] reconheceu que a única coisa segura na modernidade é a sua insegurança, até a sua única inclinação para o caos totalizante [...] (HARVEY, 2001, p. 22). Contudo isso, a modernidade não dá para ser definida, porque a cada momento ela é lançada como um desafio sobre a humanidade.

2.1 Efeitos da modernidade líquida

De início as mudanças sempre foram constantes na modernidade, e os homens não estavam preparados para esse novo “*devir*”. As constantes transformações já faziam parte de uma nova era da tecnologia e do consumo. Ano após ano, os homens estavam ancorados nessa nova forma de vida. “*As constantes mudanças*”. Diante de tudo isso, a modernidade foi tomando outras definições, como por exemplo, a modernidade líquida.

A modernidade líquida é um efeito de frase novo que tem como sentido o derretimento dos sólidos.

[...] o “derretimento dos sólidos”, traços permanentes da modernidade, adquiriu portanto um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas [...] (BAUMAN, 2001, p. 12).

Dessa forma, a modernidade foi se definindo como ela é. Tudo que parecia sólido na modernidade foi sendo direcionado e tomando vias diferentes derretendo as esperanças da sociedade. Desse modo, a pós-modernidade, sob a perspectiva de Bauman era a modernidade despojada de suas ilusões redirecionando a um alvo desconhecido. De grosso modo, o ser humano está inserido quer queira ou não em um mundo novo, período da história que tudo é emanção da fluidez da demanda dos produtos que tira liberdade do sujeito, mascarando a sua suposta liberdade. Zygmunt Bauman define a modernidade “líquida” como fluída, a impermanência e a constante mudança de forma que nela é constatada fenômenos que nunca tem um término: o conceito de sociedade líquida caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma, e principalmente por gerar incertezas. Também nossas instituições, quadros de referência, estilos de vidas, crenças e convicções mudam antes que tenham tempos de se solidificar, isso se dar por causas das acelerações desenfreadas que os tempos modernos trouxeram para o meio da sociedade e assim a nova sociedade foi impondo novas categorias para o homem se adaptar e sobreviver.

Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de “quebrar a forma” na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar. (BAUMAN, 2001, p. 13).

É indiscutível, a modernidade em si trouxe consigo ideias interessantes que sem dúvida teve um papel de modificar as estruturas da sociedade. Porém, ao iniciar suas aplicações ela se esqueceu que estava lidando com seres humanos que tem sentimentos e um corpo que é estruturado de carne e osso. Os novos padrões de vida estabelecido pelo projeto não só abalou as pessoas em si, mas abalou todos os sistemas humanos que

existem na terra. Estamos em um mundo repleto de perturbações e confusões e com ela é gerado, medo, angústia, insegurança, incerteza e principalmente a falta de sensibilidade.

A era da modernidade líquida em que vivemos – um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível – é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, nosso parceiro ou nós mesmos (BAUMAN, 2004, p. 4).

Portanto a vida humana vem sofrendo abalos constantes que só não prejudicam o ser em si, mas toda estrutura que está em volta dele. A nossa capacidade de amar está sendo transformada em interesses pessoais. Não valorizamos mais as pessoas por aquilo que é ou aquilo que ela mostra, por exemplo, a personalidade do indivíduo e os valores que apresentam isto, não tem mais influência tal qual tinha antigamente. De interesse, hoje o que vale é aquilo que as pessoas tem de valor material ou sua posição no mercado de trabalho. O ser humano se encontra em uma fase da vida que não sabe mais distinguir o que é interesse ou o que é relacionamento, parece que tudo está dentro do mesmo pacote. De fato, falar de relacionamento nos tempos atuais tem sido muito debatido, vários livros de auto ajuda vêm sendo publicados, Igrejas prometendo bens materiais (prosperidade), palestra de auto ajuda, enfim, tudo em nome de um bem estar que se torna passageiro quando tem como base interesses. Tudo e todos giram em torno dos interesses que não nos leva a felicidade, é somente um conforto temporário que a qualquer momento pode desabar em forma de um vazio perturbador.

Falar em relações fluídas hoje é falar do próprio amor líquido. Ora, o amor em sua essência é o sentimento mais profundo que o homem pode chegar. O amor só tem sentido quando é colocado em prática e com ele chegar a infinitude do bem. O amor com a chegada da era do cristianismo tem uma conotação mais profunda ainda, onde devemos amar o outro como a nós mesmo, deixando de lado todas as nossas indiferenças, cuidando do outro como nós cuidamos de nós mesmo. Esse amor de que estamos falando, tem uma substância que é encontrada no outro sobretudo na sua humanidade. A fórmula do amor está justamente no oposto do eu que é o outro. Essa fórmula está impregnada nas nossas relações mútuas que é só praticada através da minha própria liberdade. Porém, esse amor que as pessoas hoje usam é simplesmente um resultado de um sentimento passageiro e inseguro que é desfeito rapidamente.

Zygmunt chama esse sentimento de amor líquido, por causa das dificuldades das pessoas em manter as relações. O amor vem sendo um grande desafio atualmente,

correndo risco de ser extinto do nosso meio, percebemos que as pessoas estão amando mais seus materiais do que o outro. Com certeza é desafiador e atentador nos dias de hoje saber o significado da palavra amor, pois a cada momento que passa o amor gera discórdia entre casais ou famílias que acabam muitas vezes negando uns aos outros e denegrindo a imagem da família. E vivendo no mundo como esse de desespero, olhamos a figura da família que foi a primeira afetada com essas mudanças repetidas.

Perguntas-se o que é realmente uma família hoje em dia? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado da avós e dos avôs tem que ser determinado por escolhas individuais. (BECK apud, BAUMAN 2001, p. 13).

Diante disto, percebemos que uma das primeiras estruturas danificadas foi a família, através dos valores que a nova sociedade iria suplantando. Talvez a família sobreviva a esses novos desafios contemporâneos. Sabemos que é complicado viver em meio a desordem humana. O amar o próximo como a nós mesmos, significa respeitar a sua própria identidade, isso exige de nós uma alteridade profunda do nosso íntimo que aprendemos dentro da estrutura familiar que já não tem mais o mesmo papel de antigamente, “educar”. E isso faz com que a família tenha valores substituídos por outros valores que só interessa às questões de negociações.

Bauman ao tratar das relações, apresenta o medo como uma das principais responsáveis das nossas relações, esse medo é o medo líquido. A nossa era é caracterizada pelo medo que nutre toda imaginação humana fazendo do homem um ser esquizofrênico sendo um ser perturbado e assombrado. O medo líquido como sendo um produto da modernidade traz consigo enormes problemas, como por exemplo, a falta de confiabilidade e a certeza. A insegurança e a incerteza tornou-se uma cultura popular produzindo medo em nossa sociedade, como relata Bauman:

[...] houve uma época em que nossa cultura racionalista costumava consolar as pessoas surgindo que incerteza era apenas uma pausa temporária antes da chegada de uma nova teoria plausível ou explicação abrangente. Agora temos de aprender a viver com um permanente senso de incerteza. O que chega como inspiração a um filósofo ou artista pode se tornar uma calamidade para pessoas comuns, temendo que suas vidas sejam prejudicadas e desperdiçadas [...] (BAUMAN, 2013, p. 87- 88).

O desconforto humano é muito presente na atualidade; tudo indica que o homem tornou-se impotente por causa dos contra tempos da vida. A modernidade líquida foi afetando tudo aquilo que era útil para os homens, inclusive a sua própria identidade. O medo e a modernidade sobrevivem lado a lado.

[...] Parece que o medo e a modernidade são irmão gêmeos, até siameses, de um tipo que nenhum cirurgião, ainda que hábil e equipado com a última palavra em tecnologia operatória, poderia separar sem colocar em risco a sobrevivência de ambos. (BAUMAN, 2013, p. 88).

Com tudo, os dois andam muito juntos. Com certeza é visível aos olhos o desconforto humano diante de tudo isso, onde a maior parte do tempo sofremos com os pressentimento ruins que nos cercam; tememos a qualquer instante ser atacado, ou roubado. A modernidade e o medo produziram isso desde a sua origem, colocando o homem sempre em estado de pânico por não saber por onde estão pisando, sobretudo não podemos esquecer-nos do estado de ansiedade que deixa o ser humano submetido ao erro determinando o homem a pensar sempre no futuro e não o deixando viver o presente. Isto gera na sociedade condições de aflições gerando um vazio e angústia, um vazio de incerteza.

Assim escreve Zygmunt Bauman:

Viver em condições de incerteza prolongada e em aparência incurável provoca duas sensações humilhantes: ignorância (não saber o que o futuro trará) e impotência (ser incapaz de influenciar em seu curso) [...] em nossa sociedade altamente individualizada, em que se presume que cada indivíduo seja responsável por seu próprio destino na vida, essas condições implicam a inadequação do sofredor para as tarefas que outras pessoas mais exitosas, parecem desempenhar graças à maior capacidade e ao maior esforço [...] a depressão é agora a doença psicológica mais comum. Ela atormenta um número crescente de pessoas que receberam a designação coletiva de “predicabilidade”, denotando a incerteza existencial. (BAUMAN, 2013, p. 91).

De fato, chegamos uma determinada fase da vida em que os indivíduos estão deixando de viver sadiamente e passando para uma vida extremamente desconfortável, aquilo que chamávamos de esperança transformou-se em ilusão graças as nossas fraquezas humanas que não estão preparados para viver neste mundo de movimentos desenfreados que acaba levando o homem ao desespero. Quando o homem tornou-se o senhor de si, ele entendeu que poderia ser o dono do mundo, ou melhor, dono dos homens, fazendo deles o seu próprio objeto de troca e a partir disso colocando os outros indivíduos

a sua vontade e os impondo seus interesses através do seu capital. E tudo isso foi contribuindo para as incertezas existenciais.

4- CONCLUSÃO

Dentro do pensamento sociológico e filosófico, buscamos entender a nossa sociedade que tem como o ponto de partida a modernidade que ao longo dos tempos veio se inclinando. É importante ainda ressaltar os problemas que afetam os sentimentos e os convívios das pessoas, tipo a falta de relação com o outro.

Dentro da modernidade líquida percebemos as variações de problemas que ela trouxe para a nossa civilização. Sabemos que a modernidade não é um espírito e muito menos uma matéria, simplesmente é uma ideia imposta sobre a sociedade com condição de sobrevivência melhor. As propostas lançadas sobre os indivíduos livres eram ideias brilhante que tinha como objetivo solidificar as estruturas da humanidade, infelizmente não foi isto que aconteceu, era apenas uma mera utopia.

Os problemas pós-moderno surge com as deficiências nas relações humanas afetivas. Os indivíduos não têm mais interesses em estreitar laços, a nova condição de vida é construir muros impedindo laços. A liquefação nessa era pós-moderna é muito presente, nessa perspectiva percebemos as relações sólidas se desmancharam no ar. É importante enfatizar que estamos vivenciando períodos de crises que destrói os seres humanos colocando em crise existencial. O ideal de felicidade, gozo, realizações estão, voltadas em tudo aquilo que tem durabilidade e com ela a vida humana está se moldando ou se igualando.

A humanidade precisa ser transformada e orientada para o estado de bem. O que a sociedade deve fazer por primeiro é dar passos sólidos que sejam capazes de construir mais pontes e assim viverem com esperança de que tudo irá se solidificar para reconstruir uma comunidade cada vez mais autêntica e hospitaleira.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2014

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BAUMAN. Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad: plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. Zygmunt. **Medo Líquido**. Trad: Carlos Alberto Mendeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. Zygmunt e leonidas Donskis. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Trad: Carlos Alberto Mendeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. Zygmunt. **Amor Líquido sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad: Carlos Alberto Mendeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HARVEY David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HARBERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins fontes, 2002.

TOURAINE. Alain. **Crítica da modernidade**, trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis: vozes, 1994.